

Discurso proferido na Universidade Federal de Goiás, por ocasião da entrega do diploma de Doutor Honoris Causa ao Prof. Paulo Freire, em 11 de novembro de 1988.

Paulo Freire: um convite a pensar e a recriar a educação

Ildeu Moreira Coelho\*

Prezado Paulo Freire, amigo e companheiro de caminhada.

O título de Doutor *Honoris Causa* que a Universidade Federal de Goiás lhe entrega nesta data tem para nós um significado muito especial e uma importância singular. É o reconhecimento formal, institucional da expressiva contribuição de seu pensar e de seu fazer à trajetória da educação, especialmente no Brasil e na América Latina.

Com efeito, Paulo Freire é sem dúvida um marco que a ninguém é permitido desconhecer, inclusive porque simbolicamente encarna o pensar e o fazer de milhares de educadores e militantes envolvidos, em diferentes setores da sociedade civil, com o projeto de construção de uma sociedade de iguais, de luta pela efetiva democratização dos bens culturais coletivamente produzidos e de criação de uma “educação como prática da liberdade”. A esses educadores anônimos, às vezes não alfabetizados, que educam a todos nós com sua lucidez política, sua coragem, sua práxis, a homenagem e o reconhecimento da Universidade Federal de Goiás pelos relevantes serviços prestados à causa da educação em nossa sociedade.

Falar de Paulo Freire – homem, intelectual, educador, militante – é sempre arriscado. Tratando-se de um intelectual com vários livros e artigos publicados, em diversas línguas e inúmeras edições, sobre o qual já se escreveram livros, dissertações de mestrado e teses de doutorado e se realizaram seminários em quase todos os países, corremos o risco de nada acrescentar de significativo. Nosso discurso então perderia o sentido. Além de enfadonho e inútil, nada seria mais contrário ao pensamento e à práxis de Paulo Freire, questionador implacável do já pensado, do já dito e do já feito.

Não pretendo, pois, fazer uma exposição do seu pensamento e trajetória, nem discutir os possíveis equívocos de sua elaboração teórica, nem buscar o sentido e a gênese de tudo isso.

---

\*

Quero, entretanto, reafirmar sua importância na produção do caminhar de todos os que, mesmo seguindo trilhas as mais diversas, buscam a cada momento *pensar* o seu fazer, ou seja, compreender sua gênese e sentido historicamente determinados, suas contradições, seus limites e possibilidades e, ao mesmo tempo, recriar esse mesmo fazer com lucidez e coerência.

Paulo Freire, eu não seria retórico se dissesse que, na área da educação, ninguém pode supor que nada tenha a ver com o seu pensamento e a sua prática. Na verdade, você é Mestre de todos nós, não porque tenha verdades a ensinar, teorias acabadas a transmitir, modelos de ação a sugerir, mas justamente porque a cada momento nos ensina a afastar a monótona repetição do já dito e do já feito.

Sua atenção à história, ao real, ao concreto; sua compreensão da educação como um fenômeno histórico-social e, por conseguinte, complexo, contraditório e totalizante; sua recusa em ser mero espectador das lutas de seu povo; esse pensamento vivo, em contínuo processo de maturação, aprofundamento e recriação; sua simplicidade e honestidade intelectual sempre solícita em identificar as idéias incompletas, rever as posições teóricas e reconhecer os equívocos, os vieses e os fracassos de algumas experiências; sua luta contra toda e qualquer educação bancária e de sectarismo que impedem educador e educando de pensar e recriar o saber; seu respeito à liberdade dos alfabetizando; sua efetiva participação no trabalho de democratização dos bens culturais são merecedores de nosso mais profundo respeito e admiração. E também por isso, temos o prazer de lhe entregar o título de Doutor *Honoris Causa*.

Esse é, sem dúvida, um título a mais entre os inúmeros que você já recebeu em dezenas de Universidades, no Brasil e em outros países. A Universidade que nesse momento lhe presta essa merecida homenagem é, além disso, uma universidade nova, encravada no interior do Brasil.

E se construir uma vida efetivamente universitária no eixo Rio-São Paulo, por exemplo, é difícil, na periferia a questão é ainda mais complicada. O descompromisso do Estado para com a educação em geral e a universidade pública em particular, a distância dos centros produtores de pesquisa avançada, a discriminação na captação de recursos extra-orçamentários junto aos órgãos governamentais e instituições privadas, o descrédito das instituições públicas, a acomodação e o corporativismo de docentes e servidores técnico-administrativos dificultam e limitam a produção de uma nova universidade, mas, apesar disso, a Universidade Federal de Goiás tem procurado pensar sua trajetória e construir seu caminho. Afinal, como disse Sartre, “o essencial não é o que foi feito do homem, mas *o que ele faz daquilo que fizeram dele*. O que foi feito dele são as estruturas, os conjuntos significantes estudados pelas ciências humanas. O que ele faz é a própria história, a superação dessas estruturas numa práxis totalizadora”.

Em 1984, por exemplo, após anos de um repensar do ensino de graduação, a Universidade Federal de Goiás decidiu reimplantar, em novas bases, o regime seriado anual em todos os seus cursos. Descobrimos então que, ao contrário do que se imaginava e ainda hoje muitos têm como certo, o sistema de créditos e matrícula por disciplina não era uma imposição legal da chamada reforma universitária de 1968, mas apenas uma recomendação do Conselho Federal de Educação. Num regime autoritário, porém, recomendação e desejo do superior, do chefe, se tornam lei!

A retomada do regime seriado anual entre nós decorre de uma luta contra a fragmentação do saber e do processo ensino-aprendizagem e contra a destruição dos currículos como projetos formativos dos alunos enquanto pessoas, cidadãos e profissionais; bem como de uma tentativa de superação desse saber abstrato, dogmático e ministrado aos pedaços (as especialidades e sub-especialidades, os créditos), sem nenhuma distinção entre o essencial e o acessório, o que pode

ser hoje a última novidade numa certa área e o que é estrutural, basilar, para a compreensão do real e do saber nesta mesma área.

A Faculdade de Educação, que propôs ao Egrégio Conselho Universitário a concessão desse diploma de "Doutor *Honoris Causa*", tem compreendido cada vez mais, especialmente a partir do final da década de 70, que a educação não é uma *coisa*, algo pronto, acabado e estanque, que poderia ser radiografado ou descrito ao modo da Biologia, mas um *processo* histórico-social, devendo pois ser apreendida em seu inacabamento, em sua complexidade, em sua concretude.

O saber, igualmente, não é para nós um conjunto de verdades a serem transmitidas aos alunos, nem como supõe a lei 5.962/71 uma simples sistematização e hierarquização das experiências que a criança e o adolescente possuem quando chegam à escola. Saber é, pelo contrário, buscar o sentido e a gênese histórica dessas experiências, isto é, pensá-las, interrogá-las, compreendê-las. É o que temos, professores e alunos, procurado fazer, construir nas aulas, apesar de nossas de-formações! Temos procurado recuperar a experiência do pensamento, da dúvida, afastando os esquemas pré-fabricados de análise, a "partidarização" do pensar e do fazer.

Ao pensar e recriar a prática docente, a Faculdade de Educação tem lutado bravamente contra a alienada e alienante especialização que estiola a vida intelectual e destrói a possibilidade de pensar o todo, bem como contra a atual divisão do trabalho escolar que nega o saber e a competência do professor, degradando suas condições de trabalho. Nesse sentido, a partir de 1984, após anos de reflexão e amadurecimento, assumimos uma atitude pioneira e, parece-nos, acertada: suspendemos a oferta, no curso de Pedagogia, das habilitações Orientação Educacional, Administração Escolar e Supervisão Escolar, passando a formar apenas o professor para as séries iniciais e o Curso de Magistério (Curso Normal). Essa decisão se insere também dentro do nosso compromisso fundamental com a melhoria efetiva da escola pública, especialmente a freqüentada pela classe trabalhadora (séries iniciais). E para isso é preciso formar bons professores para essa escola.

Embora sabendo que a dicotomia entre a teoria e a prática decorre da divisão da sociedade em classes, a Faculdade de Educação tem procurado articulá-las sempre mais, combatendo tanto a reflexão vazia porque desligada do fazer, como o ativismo do militante que, em nome da urgência da revolução, não vê sentido em "perder tempo" com a teoria ou como aprendemos com você: "separada da prática, a teoria transforma-se em simples verbalismo. Separada da teoria, a prática não é mais do que ativismo cego".

Com efeito, os professores e os alunos desta instituição de ensino e pesquisa acreditam nos jovens, no homem e por isso lutam pela construção de uma sociedade de iguais e de uma nova escola, na qual o saber sistematizado não seja privilégio de poucos, mas um direito efetivo de todos. Certamente esse projeto é um sonho. Mas, como você mesmo nos disse em 1980, aqui em Goiânia, "ai daqueles e daquelas, entre nós, que pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e de anunciar". Afinal, não é o sonho, o imaginário, uma dimensão essencial da existência humana? Sem ele não há utopia, não há possível, não há história.

Paulo Freire, eu diria que nessa Universidade, em especial nesta Faculdade de Educação, você não tem discípulos, no sentido tradicional e pejorativo do termo. Partindo de suas reflexões e tendo em vista seu fazer, temos procurado pensar nosso fazer e construir o novo. E como quem pensa e cria não repete o pensamento e o fazer do outro, mas o faz livremente, também aqui se

pensa e se faz na diversidade e na diferença. E também por isso você é Mestre nessa instituição à medida em que não nos sufoca, mas nos deixa livres para pensar e criar.

É por isso ainda que o chamamos de amigo e companheiro, pois, como nos ensina La Boétie, à amizade - "nome sagrado", "coisa santa" - se contrapõe o desejo de servir. A relação de amizade supõe a liberdade, a igualdade, a lealdade, ao passo que a cumplicidade e a adulação, que se revelam na imitação, são a contrafação da amizade, assim como a persuasão é a simulação do pensamento e a conspiração é o arremedo da companhia.

Não é por acaso, então, que você dá nome ao Centro Acadêmico (C.A.) de Pedagogia. E não é por acaso ou modismo que lhe entregamos esse diploma, nem para não nos sentirmos inferiores a outras universidades que já o fizeram. Além da justa homenagem e do reconhecimento pela importantíssima contribuição que você tem dado a educação brasileira, é principalmente porque profundos laços intelectuais, éticos e políticos, apesar de nossas diferenças, unem essa casa ao seu homenageado nesta data.

Muito obrigado.

Prof. Ildeu Moreira Coêlho